



# VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

## O CAMINHO PARA A SALVAÇÃO ETERNA: A REPRESENTAÇÃO DO PARAÍSO CELESTIAL NO ALÉM MEDIEVAL (SÉCULO XV)

Solange Pereira Oliveira\*

1

Inúmeros relatos de “viajantes” ao além-túmulo foram transmitidos pela Igreja Católica no período medieval com intuito de revelar a população as características do mundo dos mortos e os caminhos que tem que percorrer para alcançar a salvação eterna mediante os ensinamentos dos homens da Igreja.

Pelas viagens espirituais ao Além que encontramos elementos que nos permitem compreender as influências dos clérigos sobre a sociedade medieval, pois foi por meio dos sermões que divulgavam esses tipos de narrativas que transmitiam uma moral cristã que estava de acordo com os seus propósitos, ou seja, manter o seu poder de influência perante os medievos.

A sociedade medieval, guiada pela doutrina cristã divulgava uma série de escritos que serviam de manual pedagógico de salvação como meio de se alcançar a paz eterna. Os pregadores religiosos enfatizavam as noções de pecado e penitência, transmitindo uma moral religiosa para os ouvintes dos relatos de viajantes ao Além, ensinando, dessa maneira, as normas de comportamento de um bom cristão aos fiéis.

---

\* Graduada em História na Universidade Estadual do Maranhão. Foi bolsista do CNPq/PIBIC/UEMA entre 2009-2011. Atualmente é Mestranda na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), bolsista da FAPEMA e membro do **Mnemosyne** (Laboratório de História Antiga e Medieval).

A *Visão de Túndalo* é um exemplo de viagem imaginária que nos permite compreender a construção simbólica dos espaços do Além em três Reinos Eternos: Inferno, Purgatório e Paraíso. Esse manuscrito é de autoria anônima, produzido no ano de 1149 por um monge cisterciense de origem irlandesa e possui várias traduções (espanhol, francês, provençal, gaélico, português, alemão, inglês entre outras) que circularam por toda a Europa, entre os séculos XII e XV.

Existem duas versões portuguesas do manuscrito, ambas produzidas entre o final do século XIV e o início do século XV. Utilizamos neste trabalho a versão do códice 244, proveniente do mosteiro de Alcobaça, na tradução de Frei Zacarias de Payopelle.

Neste relato, o cavaleiro Túndalo é o personagem principal, um nobre de boa linhagem que vivia nas vaidades do mundo e não cuidava da sua alma. Morto por um espaço de três dias foi conduzido ao Além para conhecer a morada dos eleitos e o ambiente destinados aos pecadores.

Segundo Jean Claude Schmitt, “na alta Idade Média, numerosos relatos de visões, sonhos e viagens ao Além fazem menção à situação de transição entre a alma e o corpo, a alma viajando, enquanto o corpo permanece inerte como se estivesse morto.” (SCHMITT, 2007, p. 307).

Nessa viagem, ele vai percorrer os espaços dos Três Reinos Eternos acompanhado por um ente celestial, o anjo, que lhe mostrará as glórias e punições destinadas às almas. Assim, o cavaleiro visita primeiramente o Inferno e Purgatório onde são alocadas as almas pecadoras que sofrem as consequências de seus atos, passando por diversos lugares onde as almas viviam atormentadas pelas chamas infernais.

São inúmeros os exemplos no manuscrito de penas e castigos no Inferno e Purgatório que transmitem aos ouvintes o sofrimento que os esperava se consentissem com os prazeres mudanos. Mas a Igreja não só apresentava e despertava os temores infernais com as visões no Além, apesar de ser um instrumento excepcional para manter o seu poder de influência no modo de agir e pensar dos medievos.

Assim, foram evocados outros espaços que não lembrassem o ambiente inóspito de dor e sofrimento dos lugares infernais, como a representação paradisiaca que também se tornou um instrumento eficaz nos discursos cristãos.

Nesse sentido, que a *Visão de Tündalo* nos oferece a descrição do lugar para onde vão as almas consideradas justas por levarem uma vida terrena baseada nos dogmas da Igreja e nos ensinamentos de Deus: O Paraíso celestial, morada dos bem aventurados.

A jornada de Tündalo no Paraíso inicia-se depois de observar e sofrer os tormentos e penas dos lugares infernais. Desse modo, será apresentado os bens e as glórias do Paraíso, de acordo com a descrição no manuscrito: “Daqui em diante fala dos bens e galardoados que vão receber aos boons na glória do parayso.” (VT, 1895, p. 111).

É importante destacar que a alocação das almas eleitas no Paraíso não acontece de imediato, pois existe um espaço que antecede o Paraíso propriamente dito, a qual denominamos de pré- Paraíso, onde ficam as almas que ainda não estão em um estado de pureza plena, ou seja, totalmente livre de seus pecados.

A partir do relato observamos essas questões, como por exemplo a menção de almas que padecem nesse lugar de maneira alternada, sendo alguns instantes de felicidades e outros de sofrimento, não tanto horrendos como a do Inferno. Um exemplo, dentre outros que a *Visão* nos oferece são uma companhia de homens e mulheres que sofrem de fome e sede.

[...] Uiron gram conpanha de homeens e de molheres que sofriam gram tormenta e muy gram coyta de muy gram uento. E de muy grande agua. E estauan muy tristes e muy coitados em sofrendo fome e sede. Empero auian lume e claridade e non sentian nenhuun maaos fedor [...] (VT, 1895, p. 112).

Através de indagação ao anjo, Tündalo pergunta quem são estes que desfrutam desse ambiente, o anjo lhe responde que esse espaço é destinado às almas que não foram muito más, pois mesmo vivendo honestamente não dividiram seus bens com os pobres e mereciam passar por esse sofrimento para depois alcançar a paz eterna.

Essa menção de almas que sofrem no pré-paraíso devido à falta de cumprimento de alguns deveres cristãos “dizem respeito a três categorias de pecadores pessoais entre os quais há uma hierarquia de responsabilidade e de destino: os maus [...] os bons [...] os não inteiramente maus [...] os não inteiramente bons [...]”. (LE GOFF, 1993, p. 263).

Por esse fragmento acima, se constata que além do sofrimento há uma tentativa de mostrar que apesar dos castigos, se podemos pensar assim, são contemplados com a luz e claridade e bons odores. O que de certa forma tenta-se deixar bem claro que esses tormentos não são tão “cruéis” quanto o Inferno.

As imagens sobre o Paraíso foram muito divulgadas por artistas, principalmente a partir dos séculos XIV e XV, como um reforço do imaginário paradisíaco com paisagens idílicas concebidas como um jardim onde as almas dos justos repousam e gozam da feleicidade eterna.

Vale lembrar que as imagens religiosas tinham um significado fundamental para o reforço dos discursos ideológico da Igreja para com os cristãos e não cristãos, pois essas imagens quase sempre remetia-se as cenas bíblicas proferidas nos sermões e portanto contribuíam na legitimação das falas dos eclesiásticos.

Conforme Peter Burke, as imagens parecem ter desempenhados um papel cada vez mais importante a partir da alta Idade Média. Uma série de pinturas ilustrando histórias da Bíblia circulou impressa a partir da década de 1460 [...]. (BURKE, 2004, p. 64).

A imagem 1 mostra o detalhe do Juízo Final de Fra Angélico que apresenta similaridade com as descrições do pré-Paraíso conforme a *Visão de Túndalo*. Assim vemos as figura dos anjos e santos que estão de mãos dadas formando um círculo e bem ao fundo, ou seja do lado esquerdo percebemos a imagem de duas almas que sse dirigem para a porta de entrada do Reino celestial.

Outro detalhe é a paisagem arborizada com flores e o ambiente de luz e paz. Enfim, essa pintura transmite uma idéia de uma natureza abençoada com elementos de claridade, campo verde, elementos que constituem a primeira visão de Túndalo ao chegar no espaço do pré- Paraíso.

“De maneira mais imagética, a representação do jardim paradisíaco mostra os eleitos em um lugar verdejante e luminoso, que exprime conforto e alegria, simbolizando o desabrochar fecundo da vida eterna.” (BASCHET, 2006, p. 402).



Fra Angélico. Detalhe de **O Juízo Final** (1432-1435). Museu de S. Marcos, Florença.

Após a passagem pelo pré-Paraíso Túndalo e o anjo seguem caminhando para o espaço onde de fato estão realmente as almas eleitas: o Paraíso, composto por três lugares rodeados de muralhas, destinados ao mérito decada eleito, divididos em : Muro de Prata, de Ouro e de Pedra Preciosas, onde as almas desfrutariam das delícias e felicidades oferecidas nesses ambientes.

No quadro a seguir apresentaremos as almas merecedoras de estar nos três Muros Celestiais, segundo a *Visão de Túndalo*:

**Quadro 1: Os Três Muros Celestiais do Paraíso Na *Visão de Túndalo*.**

| MUROS            | ALMAS ELEITAS  |
|------------------|--|
| PRATA            | Os castos no casamento, as almas que repartiram os seus bens com os pobres                       |
| OURO             | Os monges e monjas, os construtores da Igreja.   |
| PEDRAS PRECIOSAS | As nove ordens dos anjos, os Profetas da Bíblia, os Apóstolos de Jesus, os virgens e as virgens. |

O que podemos observar no quadro 1, são as almas dos eleitos que se encontram ordenadas em suas respectivas muralhas de acordo com o tipo de boas ações que praticaram enquanto suas almas viviam no corpo. Pois isso fica claro nas indagações que Túndalo faz ao ente celestial quando vai visitando esses locais no Paraíso.

Perguntando as quais almas são dadas essas “folguras”, que obras fizeram, Túndalo ouvia sempre como resposta os atos de caridade e boas ações realizadas pelas almas eleitas. Como por exemplo, nessa passagem da narrativa onde o anjo explica a ele que no Muro de Prata se encontravam as almas dos que não cometeram adultério e dividiram os seus bens com os pobres:

E o anjo lhe disse esta folgança He dada aos casados e a todos aqueles que non britaron nen trás passaram a orden do casamento dereito. Per peccado de adultério e aaquelles que todas suas companhas bem

castigaron e os seus beens temporaaes partiron com os pobres e a romeus e aas egrias de deus. (VT, 1895, p.115).

Ao longo do século XII, uma das preocupações da Igreja foi a institucionalização cristã do casamento como meio de disciplinar a sexualidade. Assim nesse século, “pôde, com dificuldade, completar a definição da única modalidade aceitável da vida sexual cristã – o matrimônio, tornando um dos sacramentos.” (FRANCO JÚNIOR, 2001, p. 127).

Na *Visão de Tíndalo* só os bem casados no sentido de não cometerem adultério e levarem e seguirem os mandamentos matrimoniais conforme indicado pela Igreja poderiam ter suas almas elevadas ao Muro de Prata no Paraíso.

Seguindo em diante, os dois personagens avistaram o segundo Muro, o de ouro, que deixou o cavaleiro mais maravilhado, ao ver a nobreza dessa muralha. Essa morada pertencia aos mártires de Deus que se guardaram dos prazeres do mundo e dedicaram suas vidas a Deus. Portanto, os monges e as monjas e construtores da Igreja, como o próprio relato menciona, são os habitantes desse lugar.

Todos tinham na cabeça coroas de ouro como símbolo de merecimento por levarem uma vida santa, honesta, que estava estritamente ligada às condutas pregada pela Igreja, o seja, uma vida dedicada a Deus.

E assim o anjo responde ao cavaleiro sobre as almas que vê e desfrutam no Muro de Ouro:

**Estes son os mártires de deus que por sua firme e verdadeyra creença trabalharon e affnaron os seus corpos e lauaron aas suas vestiduras no sangue do cordeyro.** Esto He deus que He dicto cordeyro estes son os que sofreron e se abateueron e **guardaron dos sabores e prazeres do que em este mundo uiueron.** E **deshy fezeron toda sua uida muy sancta e muy limpa e muy honesta uiuendo e persuerando em seruiço de deus.** Passando pólo seu amor martyros e coitas e tribulaçoens. Trabalhando eles meesmos. E **tolhendo os seus corpos prazeres e uiços e sabores. E por mereceron coroas durauys por sempre.** Dise enton o angeo. Estes son os sanctos seruos de deus que son feytos seus amigos. (VT, 1985, p. 116) (grifos nossos)

Nessa citação ficam claras as ações comportamentais que estas almas fizeram no plano terreno para merecerem esses bens no santo Paraíso.

Depois da passagem pelos muros de Prata e Ouro, finalmente Túndalo chega com o ente celestial no lugar onde são transportadas as almas que foram realmente “perfeitas”, ou seja, perfeitas no sentido de puros por não terem se envolvidos nas tentações da carne.

Esse lugar fica no Muro de Pedras preciosas, considerado o melhor, pois todas as suas características são extraordinárias, superando todos os prazeres e glórias já vistos, ou seja, em tudo, em relação aos muros anteriores. Conforme é evocado na Visão:

[...] uiron um muro muy alto que de formosura e de claridade uencia e passaua per todas os outros que ia dissemos. Era muy fermoso e fecto todo de pedras preciosas e de metaaes mesturados de colores de muitas guisas. Assi que o fundamento dele era todo fecto de ouro puro. (VT, 1895, p.118).

Enfim, Túndalo ficou maravilhado com tamanha beleza. Principalmente quando sobe em cima desse muro, olha e ouve as nove ordens dos anjos que estão divididos em: Anjos, Arcanjo, Virtudes, Principados, Potestades, Dominações, Tronos, Querubins e Serafim (VT, 1895, p. 115).

“A Igreja restabelecia, assim, uma hierarquia espiritual no caminho do Além celestial. Ademais, a evocação dos anjos lembra que, segundo a concepção hierárquica do Pseudo-Dionísio, mesmo entre os anjos e os arcanjos, modelos da sociedade terrestre, há uma hierarquia.” (LE GOFF, 2002, p. 29).

Na companhia desses anjos, como já mencionado no quadro acima, estão as virgens e os virgens que também “vivem” nessa morada. Por guardarem seus corpos da luxúria mesmo sofrendo as tentações que o mundo terreno oferece, no dizer da Igreja, não deixaram de cumprir suas vontades de se manterem puros evitando assim o prazer carnal.

Desse modo, era preciso ter as virtudes de um bom cristão para após a morte merecer tamanho deleitamento nesse muro do santo Paraíso e desfrutar de todos os bens que esse espaço oferece. Mas nem todos os habitantes do Paraíso conheciam igualmente os espaços verdejantes e luminosos dessa morada. A cada alma é atribuído um lugar de acordo com os graus de glórias, pois a Igreja Católica em seu discurso deixa bem clara



essa divisão em função dos méritos de cada um, como por exemplo, nessa menção aos vários muros sucessivos.

Essas divisões do Paraíso citadas acima mostram que existem diferentes moradas no Reino Celestial. Jean Delumeau nos mostra como que a Igreja explicava essa divisão do Paraíso em três Muros celestiais: “Todos os habitantes do paraíso gozam ali de felicidades iguais? A resposta oficial da Igreja Católica foi que existem graus de Glória, portanto, de beatitude, em função dos méritos de cada um.” (DELUMEAU, 2003, p. 201).

No quadro 2 temos resumidamente algumas características desses três muros citados no relato, e que são importantes para percebermos os elementos que constituem o imaginário paradisíaco.

**Quadro 2: As características dos três Muros Celestiais**

| MUROS                                 | RATA  | OURO   | PEDRAS PRECIOSAS  |
|---------------------------------------|---|--|---|
| CARACTERÍSTICAS COMUNS AOS TRÊS MUROS | Clareza, alegria, beleza e santidade, bom odor e canto. |  |   |
| ELEMENTOS DIFERENCIADORES             |   | Sedas, livros, escritos todos de ouro, iluminação intensificada parecida com o sol; tudo tão claro como o sol; praça cheia de muitas tendas; Árvores com frutos que representam a Santa Igreja Católica. | Pedras e metais de várias cores. Superando todas as características dos muros anteriores. |

É importante frisar que as características do muro de Prata também estão presentes nos dois muros posteriores, pois são elementos que são mencionados com mais intensidade e maravilhamento a cada passagem de um muro para outro. Mas o que realmente supera em tudo, ou seja, em relação às descrições dos muros de Prata e Ouro, tanto na beleza como na claridade, é o muro de Pedras preciosas.

Outro fato interessante está nas várias passagens do Paraíso na *Visão de Túndalo* que se assemelham ao *Apocalipse* do Apóstolo João. Assim como o nosso personagem, aquele viu e ouviu várias revelações. “É preciso lembrar que o cristianismo medieval buscou na *Bíblia* constantemente referências, explicações para as realidades de seu tempo.” (LE GOFF, 2008, p. 120).

Então, algumas expressões que são citadas nas revelações do Apocalipse também estão presentes no manuscrito. Especialmente o Juízo Final, capítulos 21 e 22, onde há menção a nova Jerusalém com seus muros adornados de pedras preciosas em similaridade com os muros na *Visão de Túndalo*.

Assim o material que era feito o muro de Pedras preciosas visto no Paraíso pelo cavaleiro é semelhante a do Apocalipse de João.

Na *Visão de Túndalo* era assim:

[...] E as pedras de que era fecto son estas. Cristal. Crisolitus. Berilus. Jaspe. Jagonça. Smaragada. Çafira. Onichina. Topazio Sardia Crisoprasa Amestica Careata. E granata. Destas pedras e de outras muytas semelhantes era fecto este muro.” (VT, 1895, p.118).

Já no Apocalipse de João os muros da cidade da nova Jerusalém,

estava adornado de toda a pedra preciosa. O primeiro fundamento era de jaspe; o segundo, safira, o terceiro, calcedônia; o quarto, esmeralda; o quinto, sadônico; o sexto, sárdio; o sétimo, crisólito; o oitavo, berilo; o nono, topázio; o décimo, crisopraso; o undécimo, jacinto; o duodécimo, ametista (Ap, 21, 19-20).

Para Jean Claude-Schmitt (2007, p. 291) “essas pedras têm valor escatológico, pois, são elas, segundo o *Apocalipse*, que se encontram espalhadas nos muros de Jerusalém Celeste. Elas são a promessa de uma beatitude eterna e faustosa.”

Enfim, já escrevia Jean Delumeau: “O Apocalipse constitui outro reservatório de temas paradisíacos.” (DELUMEAU, 2003, p. 34).

Vejamos no quadro a seguir outras expressões que são parecidas na *Visão de Túndalo* e no *Apocalipse* de João:

**Quadro 3: Visão de Túndalo e Apocalipse de João**

| VISÃO DE TÚNDALO  | APOCALIPSE  |
|---|---|
| “No Paraíso, temos o detalhe das vestimentas das almas que são brancas; no muro de Ouro os monges têm em suas cabeças coroas de ouro.” (VT, 1895, p. 115-116) | Vi assentados sobre o trono vinte e quatro anciões vestido de <b>vestidos branco; e tinha sobre suas cabeças coroas de ouro.</b> (Ap 4,4).                |
| “Os mártires de Deus preservaram seus corpos e lavaram as suas vestiduras no sangue do cordeiro.” (VT, 1895, p. 116)  | E ele disse-me: Estes são os que vieram de grande tribulação e <b>lavaram os seus vestidos</b> e os <b>branquearam no sangue do cordeiro.</b> (Ap 7, 14). |
| “Viram e ouviram as vozes palavras muito maravilhosas das nove ordens dos anjos.” (VT, 1895, p. 118)  | E olhei e ouvi a voz de muitos anjos [...] (Ap 5, 11).  |

Como podemos ver no quadro acima, alguns detalhes da *Visão de Túndalo* são bem semelhantes à visão de João. Não é à toa que poderemos dizer que provavelmente a *visão* foi inspirada nesse relato bíblico, pois na Idade Média era comum as produções literárias serem baseadas nas escrituras sagradas.

Depois de ver as glórias do Paraíso, Túndalo retorna ao seu corpo para contar a todos o que viu e “trabalhar” para que sua alma quando voltar ao Além permaneça no Paraíso.

Percebemos dessa maneira como o pensamento do homem medieval sobre os espaços do Além foram sendo construídos pela Igreja Católica para conduzir os fiéis na busca pela sua salvação. Por meio desse relato, que era divulgado oralmente pelos clérigos aos fiéis, a Igreja divulgava modelos de comportamento cristão que conduzia as almas ao caminho da felicidade eterna. Com isso, justificava a sua influência e importância para a sociedade medieval, mediante os seus atributos divinos de conduzir as almas dos leigos ao correto caminho do bem e da salvação.

### FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

*Visão de Túndalo*. Ed. de F.H. Esteves Pereira. **Revista Lusitana**, 3, 1895, p.97-120 (código 244).

**A Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 1995.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: História e imagem**. SP: EDUSC, 2004

DELUMEAU, Jean. **O que sobrou do paraíso?** Trad. Maria Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FRANCO, J.r., Hilário. **A Idade Média nascimento do Ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

LE GOFF, Jacques. **O nascimento do Purgatório**. Lisboa: Estampa, 1993.

\_\_\_\_\_. “Maravilhoso”. In: **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial do Estado, vol II, 2002, p.105 - 119.

\_\_\_\_\_. **Uma longa Idade Média**. Trad. De Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SCHMITT, Jean-Claude. **O corpo das imagens: ensaios sob a cultura visual na Idade Média**. BAURU, SP: EDUSC, 2007.